

RELATO PESSOAL – BULLYING UNIVERSITÁRIO – MODELO UNICAMP – ID: ERI

Uns dizem que cotas raciais reduzem desigualdades socioeconômicas, reparam erros históricos e democratizam o acesso à universidade. Outros, ao contrário, afirmam que elas ferem o princípio da igualdade, derrubam o nível acadêmico e acirram os conflitos étnicos. "A ideia de que as cotas raciais ferem o princípio da igualdade é simplesmente cruel. Não há igualdade em um país onde as oportunidades são díspares", diz Renísia Garcia, coordenadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (Neab), da UnB (Universidade de Brasília). "A crueldade está na insensibilidade de quem não vê que do jeito que estava não dava para continuar e que o Brasil precisava fazer algo urgentemente." (...)

Com o passar do tempo, algumas ideias preconcebidas foram derrubadas. Como a que sustentava que o percentual de evasão entre cotistas era maior. Um relatório da Procuradoria-Geral do Estado do Rio de Janeiro (PGE-RJ) apontou que, entre 2003 e 2016, 26% dos 21,3 mil estudantes que ingressaram na instituição pelo sistema de cotas desistiram no meio do caminho. Entre os não cotistas, o índice ficou em 37%. "Cotistas tendem a abandonar menos o curso e a tirar notas tão boas ou até melhores que os não cotistas porque valorizam mais a universidade", afirma Frei David Santos, fundador da ONG Educafro. "Quanto ao racismo, infelizmente, está por toda parte. Mas já ouvi aluno dizer que prefere ser discriminado dentro da universidade. Lá, pelo menos, dispõe de meios para se defender do preconceito racial e da exclusão social."

<https://noticias.uol.com.br/reportagens-especiais/cotistas-e-ex-cotistas-relatam-preconceitos-e-dificuldades-na-universidade-publica/#tematico-1>

CONTEXTUALIZAÇÃO: Imagine que você seja um médico recém-formado, negro, e que tenha concluído o curso universitário em uma instituição de ensino pública. Isso foi possível graças ao Sistema de Cotas, política governamental afirmativa de reservas de vagas para grupos específicos, classificados por etnias, na maioria das vezes, negros e indígenas. Ocorre que, durante os anos da graduação, você passou por situações de bullying, que quase o levaram a deixar o curso.

PROPOSTA DE REDAÇÃO: Registre, num **RELATO PESSOAL**, suas percepções e experiências acerca de sua estada no campus universitário.

Relato

O que é e como fazer um Relato Pessoal?

O **Relato Pessoal** (ou **Depoimento**) é um gênero textual do âmbito do narrar. Discorre sobre um fato ou acontecimento marcante da vida de uma pessoa. É conduzido na 1ª pessoa do singular – o relator do episódio é a personagem principal. O relato apresenta tempo e espaço bem definidos. Tão importante quanto o que se relata/narra é o que se pode descrever, de modo a “desenhar” as cenas e os acontecimentos.

Para a produção de um relato pessoal, é preciso, o quanto possível, atender a um lide jornalístico: quem? (relator – apresente-se); o quê? (fato a ser relatado); quando?; onde?; como?; por quê? (qual o causador do fato); e então...

Estrutura – ainda que o relato pessoal não tenha uma estrutura fixa, convém observar a cronologia do que se vai relatar.

São recomendáveis:

- ✓ Título: ainda que não seja obrigatório, há títulos atraentes, que adiantam o assunto que será relatado.
- ✓ Relator e tema: logo no primeiro parágrafo, é preciso apresentar o relator e o tema.
- ✓ Outras pessoas: observar quais pessoas, além do relator, serão relevantes no episódio a ser relatado – é preciso não só mencioná-las, como também não esquecer delas nem no desenvolvimento nem na conclusão do relato; se houver detalhes/pessoas que não interfiram diretamente no relato, melhor nem mencioná-los.
- ✓ Contexto: parte em que é situado o episódio a ser relatado.
- ✓ Desenvolvimento: depois de contextualizar, é preciso desenvolver o relato.
- ✓ Desfecho: após apresentar a sequência de fatos (ordem cronológica, preferencialmente), é preciso finalizar – é como se fosse o saldo (positivo ou negativo) de tudo o que foi relatado, com registro da última situação.